

Palestra do Guia Pathwork® n° 103
Palestra Não Editada
11 de maio de 1962

OS MALES DE AMAR DEMAIS; FORÇAS DA VONTADE CONSTRUTIVA E DESTRUTIVA

Saudações, caríssimos amigos. Deus abençoe cada um de vocês. Abençoada seja esta hora.

Esta noite eu gostaria de falar sobre outra faceta do amor, da vontade e do relacionamento humano. Com base na vida e na experiência, quando realmente entendida, bem como em todas as palestras anteriores, vocês sabem que esses três aspectos são interdependentes. Cada um é da máxima importância para a sua vida e a sua satisfação. Juntos, eles formam um todo. Se um deles, separadamente, funcionar de maneira saudável e produtiva, os outros dois necessariamente funcionarão de maneira igualmente saudável, quase que automaticamente. No entanto, às vezes é importante considerar cada um separadamente. Não pode haver satisfação de espécie alguma sem bons relacionamentos humanos. E bons relacionamentos humanos são impossíveis sem amor e sem todos os aspectos que fazem parte do amor. Tampouco vocês podem levar uma vida produtiva sem que a vontade funcione adequadamente. O amor e a vontade possuem muitos aspectos negativos e, com muita frequência, sofrem muitas distorções diferentes. Já falamos sobre algumas delas no passado. Vamos agora analisar outra vez esses dois aspectos, mas de um novo ângulo.

Vocês aprenderam que é muito mais prejudicial se obrigarem a sentir amor quando isso não é verdade. Nesse caso, é usado o tipo errado de vontade e amor e, portanto, é produzido um resultado negativo. No entanto, também sabem que, se não derem amor, não poderão recebê-lo. Assim, consciente ou inconscientemente, vocês procuram forçar o amor. Usam a vontade para gerar um sentimento que ainda não existe dentro de vocês. Mas, no decorrer do nosso trabalho, vocês aprenderam que o processo adequado de crescimento é admitir para si mesmos que ainda são incapazes de sentir amor. Vocês não conseguem encarar apropriadamente a situação atual e admitir que, por enquanto, ela é a que efetivamente existe. É a sua realidade presente. Se o fizerem sem culpa e julgamento, acabarão por entender porque isso ocorre e, dessa forma, libertarão automaticamente a sua capacidade de amar. Ela cresce por si mesma. Alguns de vocês já começaram a vivenciar esse processo como resultado do trabalho feito. Já tomaram consciência da corrente que força os outros e a si mesmos. Como querem receber amor, muitas vezes desesperadamente, vocês não conseguem tolerar a admissão de que não dão amor. Uma vez que encararem a sua verdade, essa mesma verdade começará a mudar.

Todos vocês, independentemente do sucesso no trabalho de autoconhecimento, se considerarem apenas a si mesmos, podem constatar que nunca, nunca, têm nenhum sentimento autêntico, caloroso, construtivo que seja forçado, pelos outros ou por si mesmos. Os sentimentos autênticos

são sempre espontâneos e surgem sozinhos. São um subproduto indireto da autopercepção. São como uma reação secundária não determinada pela vontade exterior – a vontade que é passível de ser determinada por vocês. Portanto, o primeiro passo é sempre o autoconhecimento. Depois, secundariamente, cresce a sua capacidade de amar. Embora isso não seja novidade, precisa ser repetido. Pois esse conhecimento ainda não é parte integrante da maioria.

Até agora, a ênfase de vocês com relação ao amor recaiu sobretudo na capacidade de amar, pois vocês querem ser amados. Sua principal preocupação é a falta de amor, que muitas vezes é responsável pelo fracasso dos relacionamentos que vocês não querem que fracassem. É preciso muita perspicácia para descobrir que aquilo que pensavam que era o amor na verdade não era. Muitos de vocês já foram até esse ponto, pelo menos até um certo nível de consciência.

Agora vamos considerar os relacionamentos de um ponto de vista muito diferente. E se vocês tiverem amado de verdade, e mesmo assim forem postos de lado, rejeitados? Isso gera muita perplexidade em muitos de vocês. Vocês não entendem porque houve a rejeição, de uma forma ou de outra, quando têm certeza de que o amor que sentiam era autêntico e forte. Ainda que essa força amorosa pudesse não estar totalmente livre de traços infantis, pelo menos ela estava misturada com amor verdadeiro. Isso é motivo de confusão, já que sabem que o amor é a chave da vida e dos relacionamentos humanos. Por que, então, vocês podem perguntar, isso não funciona? Será que existem sempre correntes egoístas, cobiçosas, imaturas na alma humana? Mas então ninguém poderia receber amor, porque nenhum ser humano é perfeito. Ao mesmo tempo, vocês notam que algumas pessoas, certamente com menos capacidade de amor autêntico, recebem muito mais. Isso não apenas os confunde, mas também aumenta a sua sensação de insegurança e dúvida, de injustiça, de sentimentos de vitimização. Portanto, vamos examinar esse assunto e procurar esclarecê-lo.

É tão prejudicial e destrutivo, e tão insensato, amar demais como amar de menos – isto é, com relação ao amor pessoal, exigindo amor em troca. Um amor desprendido deixa o outro em liberdade, emana sentimentos humanos cálidos de simpatia e compreensão quando não há exigência. Mas o tipo de amor – seja em parcerias, seja em amizades pessoais – que precisa e quer possuir, esse é o tipo de amor que pode ser tão destrutivo ao dar mais do que o desejado como é destrutivo ao dar de menos. Amar demais, quando isso não é desejado, é tão insensível, tão egocêntrico, tão cobiçoso quanto amar de menos. Vocês ainda não entendem isso. Se uma pessoa é incapaz de receber, se isso lhe dá medo, mas se seu desejo frustrado de amor vem à tona com uma força maior do que o outro é capaz de corresponder, essa corrente faz com que o outro se recolha, amedrontado. Quando vocês não têm consciência dos seus processos interiores, não são sensíveis a esse fenômeno. Vocês apenas se sentem rejeitados e ficam pensando nessa ofensa. Podem estar insensíveis à necessidade dos outros de receber o seu amor, porque estão muito assustados para sair da sua concha, podem ficar insensíveis à necessidade dos outros de não receberem mais do que podem aguentar nessa ocasião. Assim, vocês não respeitam o direito do outro de não receber o que vocês querem dar. Para vocês, é uma questão de tudo ou nada. Se esse tudo não for recebido, vocês se recolhem, e o tudo passa a ser nada. Mas se perceberem essa luta interior da outra pessoa, se vocês crescerem o suficiente para não dar mais do que pode ser recebido, pode nascer outro tipo, muito satisfatório, de relacionamento. Mas vocês perdem essa oportunidade por ignorância do que vai no seu íntimo.

Pode ser perfeitamente verdadeiro que a incapacidade da outra pessoa seja um reflexo da imaturidade emocional dela, de seus problemas e conflitos interiores. Mas vocês ficam muito zangados com tudo isso. Recusam o direito do outro de ter o que vocês mesmos podem ter, numa versão um

pouquinho diferente. Assim, vocês oscilam entre uma força amorosa imensa que não pode ser recebida, e depois ressentimento e retraimento. Vocês ainda são incapazes de preservar um sentimento de respeito humano, de apreço, quando a intensa força do seu amor, mesmo que em grande parte autêntica, não é bem recebida. Por raiva, vocês usam a arma de transformar um sentimento positivo em negativo. Vocês sentem ressentimento, rejeição, orgulho, e dão as costas àquele pessoa em particular ou ao amor em geral. São muitas as ocasiões em que vocês apresentam esse desequilíbrio destrutivo, sem percebê-lo de fato. Com essa atitude, vocês destroem os relacionamentos potenciais que poderiam tornar-se muito significativos.

Nós sempre discutimos as suas atitudes, a sua capacidade de dar e receber. Se vocês são a pessoa incapaz de amar e receber, vocês que estão agora neste caminho sabem o que fazer. Vocês olham para dentro até atingirem a autopercepção e a compreensão do que se passa em seu íntimo. Mas se a outra pessoa é que apresenta essa incapacidade, vocês ficam perplexos e confusos. Com esse novo entendimento, vocês podem aprender a enfrentar o problema. Agora vocês vão aprender não apenas a questionar a si mesmos com relação à capacidade de dar e receber, mas também a capacidade do outro. Ao entenderem que é importante perceber isso, vocês vão ficar sensíveis aos sinais e não se seguir em frente cegamente, só porque esse é o seu desejo. Vocês vão aprender a ler por trás das palavras, a interpretar os sinais, a perceber o que existe no outro – mesmo que ele não saiba.

Estas palavras são dirigidas especificamente aos meus amigos que em geral não se retraem, que estão ansiosos por dar e se relacionar, mas que constantemente encontram empecilhos porque, seja qual for o motivo, o objeto de sua escolha, de uma maneira ou outra, não quer receber essa poderosa força exigente que eles emanam. Se vocês fossem menos defensivos, menos preocupados consigo mesmos e com a frustração da vontade imediata ou com a rejeição, menos obstinados, vocês adquiririam a nobreza de espírito que é respeitar a incapacidade do outro, mesmo se isso for “doentio”. Com isso, vocês criariam um relacionamento humano, enquanto a sua doação egocêntrica e cobiçosa destrói o relacionamento.

Deixem a outra pessoa à vontade, deixem que ela tenha uma reação diferente do que vocês desejam. Dessa forma, a sua vida será mais rica, por muitos motivos, não apenas porque vocês vão ter relacionamentos mais significativos, mas também porque serão menos dependentes da sua própria vontade. Vocês conseguirão deixar a outra pessoa partir, e mesmo assim gostar dela e respeitá-la, mesmo sabendo de sua incapacidade. Vocês podem achá-la doentia ou imatura, isso não importa. Essa opinião pode estar certa, mas vocês não dão a ela o direito que querem ter. Observem sua atitude mais íntima, suas correntes a esse respeito. Encarem desse ponto de vista, e vocês vão acabar tendo maior consciência da importância do seu avanço precipitado. Vocês vão deixar de encarar isso como uma qualidade pela qual a vida os pune injustamente, mas vão enxergar o egoísmo e a cobiça que ela contém intrinsecamente. Ao fazerem isso, com serenidade, naturalmente vocês vão amadurecer também a esse respeito. Vão desenvolver a decência, se pudermos falar assim, de deixar a outra pessoa seguir seu caminho, sem deixar de respeitá-la. Vocês terão a generosidade e a nobreza de espírito de se afastar e soltar, e ficarão mais sintonizados com as necessidades da outra pessoa – se ela deve receber mais do que vocês dão ou menos do que vocês querem dar. Se isso acontecer sem desprezo, sem ressentimento nem mágoa, sem vacilação e sem menosprezar a si mesmos ou ao outro, é sinal de que vocês cresceram. É possível que, na superfície, a renúncia à própria vontade pareça um ato de maturidade. Mas isso também se aplica às camadas mais profundas da personalidade? Façam essa pergunta a si mesmos e examinem muito de perto o que for revelado a vocês, se quise-

rem aceitar essa revelação. Se vocês crescerem dessa maneira, não vão renunciar a uma riqueza pela qual ansiavam. Só vai parecer que é assim, pois vocês estarão renunciando à vontade imediata. Vocês vão ficar mais ricos, e não me refiro apenas ao espírito, à maturidade, à confiança em si e o respeito por si mesmos, mas ricos também na vida exterior, no sentido dos relacionamentos humanos.

Mas preciso advertir outra vez, se vocês ainda não conseguem ter esses sentimentos maduros, não se forcem. Em vez disso, vejam a si mesmos com essa força intensa e exigente, vejam como reagem quando essa força é repelida. Vejam isso acontecer, experimentem essa situação sem julgamentos. Esse é o único meio, como eu repito sempre.

A felicidade e o amor não são um processo volitivo, meus amigos. Eles chegam quando vocês se observam sem julgamento em relação ao que é bom ou mau, certo ou errado.

Agora, meus amigos, vocês fazem parte dessas pessoas que têm medo demais do amor, que são muito retraídas? Vocês não ousam se aventurar no mundo e nos relacionamentos, preferindo esconder-se no seu canto sempre que alguém lhes estende uma mão, sempre que alguém lhes oferece amor? Será que, por medo, vocês deixam até de perceber quando isso acontece, para não se sobre-carregarem com a culpa de rejeitar aquilo que também é o objeto dos seus anseios? Ou vocês são uma daquelas pessoas constantemente prontas a dar generosamente, talvez com generosidade demais, porque, por carência e talvez também por cobiça infantil, vocês não consideram o outro? Vocês não param para pensar, se acalmar e olhar serenamente para o outro. Ou, meus amigos, talvez vocês sejam um pouco das duas coisas? Olhem para si mesmos desse ponto de vista. E ao fazê-lo, pouco a pouco, sozinhos, graças à consciência de si mesmos a esse respeito, a sua sensibilidade em relação às necessidades do outro vai se desenvolver. Vocês vão perceber que não é uma questão de o outro não querer receber nada de vocês, mas talvez de não querer neste momento, desta forma. Talvez seja mais fácil para o outro sair de sua concha quando não tiver diante de si uma força de amor que não seja tão exigente e tão intensa.

É muito frequente essas duas distorções estarem presentes simultaneamente. Por um lado, vocês mesmos podem ficar assustados diante de uma exigência forte. No entanto, quando essa exigência está ausente, vocês mesmos a fazem, sem ver o que lhes está sendo oferecido.

Agora vamos voltar ao tema da vontade. Já falamos sobre isso em outras ocasiões de diferentes pontos de vista: vontade do eu, vontade interior e exterior, diversas manifestações da força de vontade saudável e doentia. Para recapitular e esclarecer um pouco melhor esse assunto, vamos ver agora algumas das manifestações negativas e as razões pelas quais a vontade não funciona apropriadamente.

(1) Quando vocês não estão conscientes do que querem, mesmo quando o que querem ser em si mesmo saudável e produtivo, o próprio fato da inconsciência gera um resultado negativo. Por quê? Não por causa do desejo em si, mas porque, por algum motivo, vocês acharam que era necessário escondê-lo, e assim criaram uma situação negativa. Essa inconsciência, que um dia foi intencional, na realidade significa autoengano. Vocês querem alguma coisa. No entanto, acham que o que querem é errado, e assim tentam acreditar que não querem. Exteriormente, fingem para si mesmos e para o mundo que não querem aquilo que, interiormente, querem. Trata-se então de um fingimento, de autoengano. E é isso que provoca o resultado negativo, e não a qualidade do desejo em si, não importando se o desejo é ou não moralmente aceitável. O responsável é a consciência interrompida,

com todas as suas conotações. Assim, vocês não querem o que querem. E essa foi a revelação a que muitos de vocês chegaram. Vocês são tão inseguros sobre si mesmos e sobre os seus direitos que suprimem e, no fim, reprimem sua capacidade de desejar, sua força de vontade. Podem transformá-la de modo que ela reaparece na forma de uma solução de meio termo, mas essa falta de clareza provoca uma névoa densa na sua psique, que é uma atmosfera doentia e que atrapalha a expressão da vida em vocês. Se o desejo for doentio, vocês não conseguem lidar com ele porque já não estão cientes de sua existência. Mas pode muito bem tratar-se de um desejo muito saudável, que vocês não permitem que aflore à consciência por causa da vontade de cumprir as normas impostas a vocês pela sociedade, pela opinião pública – ou o que vocês acham elas que são. Dessa forma, é possível que vocês se obriguem a alguma coisa muito inferior ao desejo que nasce do eu real. A razão para isso é puramente negativa. É a falta de coragem de serem vocês mesmos, a necessidade exagerada de agradar, ou uma série de outros motivos que vocês já conhecem com base em outras palestras e no trabalho desenvolvido. Portanto, um desejo produtivo acaba se revelando improdutivo ou até destrutivo em determinadas ocasiões, se vocês não tiverem consciência dele.

(2) Outra razão pela qual a força de vontade ou a capacidade de desejar se torna improdutiva é que vocês estão divididos quanto ao rumo a tomar. Não preciso aprofundar mais esse tema agora, já falamos extensamente dele. Se a vontade caminhar em parte em uma direção e em parte em outra, o resultado será muito negativo. Os seus esforços serão baldados e a vontade será frustrada. Muitas vezes, vocês acreditam, equivocadamente, que isso se deve a razões moralistas. Mas não é assim. As duas direções podem ser moralmente adequadas, mas a desunião interior gera o que inconscientemente vocês talvez considerem uma punição.

(3) Como eu já disse na palestra de hoje, se a vontade for tão forte a ponto de não levar em conta os obstáculos nem respeitar as inclinações do outro; se vocês não levarem em conta a realidade da outra pessoa – seja ou não bem recebida e desejada por vocês; se a força do desejo for maior que a realidade justifica, a sua intenção ficará comprometida.

(4) Um quarto motivo é a vontade de menos. Se vocês se resignam e se recolhem, ficam apáticos e com medo demais de levar uma vida significativa; se vocês não ousam fazer o que é necessário para gerar uma vida produtiva, mas esperam recebê-la de presente de alguma autoridade, vocês coíbem a força de vontade e a capacidade de desejar.

Esses quatro aspectos impedem o fluxo saudável, descontraído e constante da vontade e, portanto, da capacidade de desejar. Esse também é um tópico que causa muita confusão, porque vocês sempre tendem a encarar as coisas como certas ou erradas, boas ou más. Dessa maneira, acabaram surgindo muitas teorias – teorias espirituais, religiosas, filosóficas ou psicológicas. Existe uma escola de pensamento que sustenta que é preciso não querer resultados para encontrar a paz. É preciso não ter nenhuma força de vontade. É preciso se soltar. E existe outra escola que diz que sem vontade não pode haver vida, não pode haver satisfação. Vejam, meus amigos, essas duas visões aparentemente opostas estão corretas. E ambas podem estar erradas. Portanto, muitas vezes eu mostrei a vocês essas confusões, quando pontos de vista opostos são ambos corretos e também podem ser ambos destrutivos e improdutivos. Se a vontade se enquadra em uma das categorias que mencionei, se ela for tensa, se for determinada por motivações imaturas, se vocês não tiverem consciência dela, se ela for dividida, se for compulsiva e muito ansiosa, então é muito válido dizer que é preciso se soltar, descontraír a vontade do eu. Descubram as forças unificadoras que estão por trás da divisão da vontade, para que ela possa aos poucos crescer em uma só corrente. Mas, por outro lado, se a

vontade for inexistente, ou insuficiente, como vocês podem crescer? Vocês precisam da vontade para crescer, para viver, para amar. E, no entanto, em outro nível vocês não fazem isso. Como eu disse anteriormente, vocês não podem usar a força de vontade direta para obrigarem a si mesmos a sentir o que não sentem, mesmo que queiram. Mas vocês precisam da vontade para observarem a si mesmos com sinceridade e sem autoengano, e a partir daí a capacidade de amar e viver cresce automaticamente.

Se vocês de fato querem bons relacionamentos, precisam querer tê-los, sem tensão e sem resultados imediatos. Não podem se precipitar para obter um determinado resultado, limitado no tempo, limitado em espécie conforme a sua escolha. Um relacionamento inclui os outros, e eles também precisam ser considerados, não apenas vocês. Se não houver essa consideração, vocês anulam a existência do relacionamento. Se essa consideração se aplicar a manifestações externas e evidentes ou se disser respeito a atitudes e tendências emocionais ocultas, não faz a menor diferença. A única diferença é que esse último caso é muito mais difícil de determinar. E aponta para a combinação apropriada de querer e desejar, dando liberdade ao mesmo tempo. Isso significa que a vontade do eu sai de cena, enquanto a boa vontade permanece. Essa boa vontade precisa ser sempre cultivada, uma vez após a outra. Com ela, vocês abrem mão da vontade do eu, ao introduzirem a tolerância ao como e quando. Com ela, vocês cultivam a consciência de suas próprias correntes perturbadoras, e também das necessidades e da vontade do outro, sem deixarem de ficar sintonizados com as oscilações e mudanças. Pois nada que é vivo permanece estático. Somente o espírito livre pode ficar alerta e descontraído a ponto de seguir a corrente das condições em eterna mudança que emana dos outros, de si mesmo, das circunstâncias da vida. Para tanto, é preciso que a vontade saudável funcione. Vocês não podem ser sem vontade, mas precisam ser sem os limites rígidos da vontade do eu, que prescreve os detalhes. Essa é a diferença entre a vontade exterior e a vontade interior. A vontade interior vem do eu real, que é intrinsecamente livre. Se vocês permitirem essa liberdade, não haverá os limites da vontade do eu.

Sem vontade não pode haver vida nem crescimento. Se vocês quiserem se realizar e concretizar seus potenciais, a vontade exterior tensa muitas vezes é um entrave. Mas a vontade interior livre precisa ser cultivada para propiciar essa realização indiretamente, como muitas vezes é necessário. A abordagem direta é a consciência, e isso não acontece sozinho. Exige a vontade relaxada. Se a vontade for associada ao julgamento moralizante, ela se torna destrutiva, porque a verdade passa a ser inacessível. Se a vontade quiser ir além da tendência a moralizar e se focar no que é verdadeiro, e não no que é certo, a vontade gera a verdade – e portanto o amor.

Em qualquer área da vida em que vocês já tiverem concretizado seus potenciais e sentido alguma satisfação, vocês precisarão renovar constantemente a vontade. Olhem para trás e vão ver que é assim. No entanto, essa vontade precisa ser livre o bastante para permitir um raio de manobra, para não insistir no como e no quando, para não querer prevalecer em todos os aspectos. Com relação a qualquer desejo, a vontade precisa ser cultivada sempre, mas de uma maneira descontraída, generosa, não tentando enquadrá-la em conceitos limitados, não desejando este sucesso ou aquela relacionamento. Uma atitude dessas, consciente ou não, escraviza. O cultivo interior da vontade, seja para o crescimento, para o autoconhecimento, para a concretização de um potencial, para a formação de um relacionamento significativo, precisa ser visada e desejada como um todo. Mas, quanto às partes, ele precisa ser flexível, adaptar-se às circunstâncias e condições sempre cambiantes, aos fatos envolvidos. Com essa atitude, vocês terão a generosidade de espírito de deixar que as diversas forças vitais que brotam do eu real e da outra pessoa trabalhem em conjunto harmoniosamente.

Agora, meus amigos, estudem o que eu disse – e quando digo estudar, não estou falando tanto de compreensão intelectual. Como eu sempre digo e repito, muito entendimento intelectual com frequência inibe o entendimento interior e, portanto, o crescimento. Procurem ouvir essas palavras com o eu mais interior. Não procurem se forçar a viver de acordo com tudo isso. Ao contrário, vejam em que vocês se desviam, o quê, quando e como, sem julgamentos e sem sentir a obrigação de serem diferentes imediatamente. Basta ver. À medida que vocês avançarem no seu trabalho particular no caminho, isso vai permitir que ganhem uma compreensão mais profunda desse ângulo, e assim poderão entender melhor a si mesmos e entender os outros e a vida de maneira mais profunda.

Alguém quer fazer perguntas sobre esse tema?

PERGUNTA: Esse dar excessivo e compulsivo pode levar ao sadismo? E por outro lado, essa característica não é típica do missionário?

RESPOSTA: Quanto à primeira pergunta, seria simplificar demais e também incorreto dizer que isso levaria ao sadismo. Não. Mas como tudo na psique humana está interligado, em alguns casos pode-se encontrar uma ligação. Da mesma forma, pode haver uma ligação com o masoquismo. O sadismo e o masoquismo, que como vocês sabem não passam dos dois lados de uma mesma moeda, são condicionados e provocados não por uma, mas por muitas facetas da alma humana. No entanto, dizer que ele deriva ou leva a um ou outro aspecto seria muito enganoso.

Quanto à segunda pergunta, existe verdade no que você disse. Sempre que uma pessoa força alguma coisa a outra pessoa, seja amor ou uma crença, isso deriva da vontade do eu. Ela precisa dar o que tem a oferecer. Eu não diria que todo missionário apresenta necessariamente essa tendência, mas muitos apresentam. Se o que você tem a oferecer é amor ou salvação, é preciso ter a sabedoria que deriva da aceitação de que a vontade e as ideias podem não ser bem recebidas pelo outro. É preciso mais maturidade e sabedoria do que a maioria das pessoas tem e, acima de tudo, mais autoconhecimento para deixar o outro livre, mesmo que incompleto.

Quanto às doutrinas, por mais que soem bonitas, nada tolhe mais o espírito e a alma do que adotar uma doutrina imposta, mesmo que seja certa. Já falei muito sobre isso, mas nunca é demais ressaltar que o crescimento e a liberdade interiores surgem apenas quando a pessoa é ela mesma. Num caminho como o nosso, vocês vivenciarão interiormente o que algumas doutrinas tentam ensinar por meio de palavras. Essa é a única crença que é autêntica e promove o crescimento.

PERGUNTA: Quando você falou da vontade por trás do amor, mencionou que ela é alimentada por um desejo, um anseio. A vontade também não é alimentada pela experiência e pelo julgamento? Pergunto isso porque, quando falamos de amor, onde fica a incompatibilidade emocional?

RESPOSTA: Claro, a vontade também é determinada pela experiência, não apenas pelas necessidades mais íntimas, mas também pela experiência, também pelo que foi aprendido. É um insight importante determinar qual é qual, qual é a verdadeira necessidade. Mesmo se essa necessidade, como existente naquele momento, for infantil e imatura, você sabe que é muito melhor assumir essa necessidade infantil? Isso não significa que você tenha necessariamente de colocá-la em prática, mas apenas assumi-la. Estar plenamente ciente de que ela existe. Assim, a necessidade se transforma em vontade. Uma necessidade autêntica transformada em vontade, mesmo que imperfeita e imatura, é

mais saudável que uma vontade madura e saudável imposta de fora, determinada pela influência educacional, pelas opiniões dos outros que você adotou, por um motivo ou por outro, porque nesse caso trata-se do afastamento de si mesmo sobre o qual falamos tanto. Mesmo que as experiências pessoais do passado sejam muito enganosas. Essas experiências são condicionadas pelos seus padrões, as suas imagens, as suas noções preconcebidas; e esse escopo limitado de experiências, bem como o olhar enviesado para elas, não dará a vocês a liberdade da realidade. Pode impedir que vocês encarem a vida com uma visão renovada, de modo a verdadeiramente ampliar seus horizontes e sua capacidade de viver a vida da maneira mais plena possível. No entanto, se forem autênticos, por mais imperfeito que seja o eu, essa espontaneidade e conhecimento do que realmente são e querem num dado momento os libertará dos grilhões da limitação, do preconceito, da visão rígida e estreita, tudo isso resultado do fato de não olharem para si mesmos.

Se vocês adaptarem a vontade ao que sabem ou pensam que é certo, ou mesmo às suas limitadas experiências anteriores, vão tolher a espontaneidade do eu real. Mesmo se o eu real desejar algo improdutivo e vocês encararem esse fato, não necessariamente traduzindo a vontade em atos, isso será muito mais saudável do que querer algo que não corresponde ao que vocês são. Se a sua vontade for determinada pelo medo, vocês nem chegarão até o desejo real ou a necessidade por trás dele. Se a vontade depender de algo que é imposto de fora e não vivenciado pelas suas emoções ainda infantis, o problema é muito maior do que se rejeitarem a imposição, porque somente então vocês conseguirão atravessar a infantilidade e chegar à área do ser onde essa infantilidade recebe as forças da alma que a fazem superar-se.

Quanto à questão da incompatibilidade, não entendi muito bem o que você quer saber.

PERGUNTA: Se meu desejo infantil e meu amor e minha vontade forem dirigidos para um relacionamento humano – e vice-versa, recebidos de alguém – se houver uma incompatibilidade, então tudo está errado, se essa palavra expressa o que quero dizer...?

RESPOSTA: Se você entendeu mesmo o que eu disse na palestra, a pergunta será respondida. Porque se existir essa incompatibilidade, se surgir um problema, é somente porque a vontade forçou – isso pode ser por parte de uma das pessoas ou de ambas – um relacionamento que não era viável para aquelas pessoas específicas. Um outro tipo de relacionamento poderia existir. A vontade forte tirou a realidade do quadro. O que existe não é percebido, porque as pessoas não querem perceber. A realidade deve adaptar-se ao desejo. Portanto, surgem esses problemas.

PERGUNTA: Eu gostaria de fazer uma pergunta sobre meu netinho. Ele vive com medo a maior parte do tempo. Em consequência desse medo, ele fica constantemente doente. O medo dele é que as pessoas que ele ama, todas as pessoas que ele ama, são hostis umas com as outras. Se ele ama alguma delas, a outra se retrai. Ele está sempre dividido. Será que você poderia mostrar uma saída?

RESPOSTA: Na realidade, eu não posso dizer nada que você já não saiba. No entanto, vou tentar ajudar. Em primeiro lugar, todos vocês precisam aceitar plenamente o fato de que o que ele teme é verdadeiro. Não é uma invenção, não é imaginação da parte dele. Se vocês aceitarem plenamente esse fato, não um simples reconhecimento superficial, essa consciência da parte de todos vocês já terá um efeito curativo – sobre ele e sobre todos os envolvidos. Quando vocês aceitarem plenamente esse fato, encontrarão o problema da sua própria culpa. Essa culpa também precisa aflorar

totalmente à consciência. Essa consciência deixará bem focada esta pergunta: “Provoquei um problema interior nessa criança por causa da minha imperfeição? Como posso aceitar esse conhecimento?” Quando essa questão premente é inconsciente, vocês evitam encará-la e procuram ainda mais compulsivamente eliminar esses sentimentos destrutivos que evidentemente são responsáveis pelo medo da criança, e mais compulsivamente tentam sentir o que não sentem. Isso, por sua vez, agrava o problema na criança e em todos vocês. Aumenta o medo e a culpa em todos. No entanto, se vocês encararem o que sentem e entenderem bem o que sentem, chegando até às raízes, o que só pode ser feito sem culpa e sem julgamento de si mesmos ou dos outros, aí vocês vão começar a mudar o clima, muito antes de conseguirem ter outros sentimentos. Isso vai fatalmente ajudar o seu neto. Ah, você pode dizer muitas coisas a ele, que sem dúvida tem uma compreensão fora do comum a esse respeito. Mas o que você disser não vai ajudar de verdade se vocês não encararem o que existe, sem moralismos, somente aceitando a sua imaturidade e, ao fazê-lo, aprendendo mais sobre ela. Dessa maneira será possível aliviar o ambiente tenso que gera o medo do menino. A tensão é causada mais pelo esforço compulsivo em ser algo que você ainda não pode ser, porque não entende completamente as raízes. Aceite esse lento processo de crescimento. Elimine a compulsão e a impaciência, e os sentimentos imperfeitos de hostilidade serão menos prejudiciais do que a vontade compulsiva de superá-los.

Com essa mentalidade, todos vocês vão de fato entender que ele, como vocês, também trouxe problemas não resolvidos para esta vida. O ambiente somente traz à tona o que já existia. Ele não pode trazer à tona algo que já não esteja presente. O menino precisa viver seus problemas até o fim, como vocês precisam viver os seus. A imperfeição de pais e das condições ambientais não fez mais que trazer os problemas à tona. Mas essa verdade será uma experiência pessoal apenas se e quando você eliminar a pressa, a falta de aceitação de si mesma, a vontade de adaptar-se aos padrões morais dos outros e de ser aprovada, a sua culpa, o seu medo. Enquanto isso, você pode ajudar seu neto continuando tranquilamente com este trabalho de autoconhecimento e autoaceitação. Você sabe de tudo isso, mas muitas vezes não aplica esse conhecimento aos sentimentos e emoções do dia-a-dia, que deixa passar sem se conscientizar da existência deles e, portanto, de seu significado mais profundo. Isso vai ajudar vocês a perceberem o efeito que exercem uns sobre os outros, e a visão de vocês – de todos vocês – a esse respeito ainda é limitada. É algo que vocês ainda não avaliaram – não de verdade.

PERGUNTA: Você está se referindo a mim pessoalmente ou a todos nós?

RESPOSTA: Pelo menos a você e a sua filha, que estão fazendo o trabalho de autoconhecimento. Vocês duas já viram, pelas autodescobertas que fizeram, que o que o menino teme é verdadeiro. Vocês discerniram esse padrão de lealdades divididas. A esta altura, vocês entendem – e isso é um grande avanço – não apenas que isso acontece, mas em que grau, e por quê. Mas vocês ainda não entenderam, ou vivenciaram, ou ainda são insensíveis ao efeito que isso tem sobre os outros nem que esse entendimento também vai ajudar a criança – entender sem moralismos.

PERGUNTA: Existe uma coisa chamada numerologia, que alguns números são favoráveis e outros, não?

RESPOSTA: Desaconselho enfaticamente essas práticas – muito enfaticamente.

PERGUNTA: Faz parte do plano da natureza uma criança passar a ter uma reação, uma neurose contra um dos pais ou ambos, independentemente do quanto esses pais sejam bons ou gentis?

RESPOSTA: Certamente esse não é o plano da natureza. Isso é mais uma demonstração do conceito totalmente equivocado sobre o homem e a vida. Isso é obra do homem – a única maneira de compreender por que algumas crianças contam com a situação melhor e mais favorável e apresentam as chamadas neuroses, enquanto em outros casos a situação pode ser extremamente desfavorável, e existe um grau relativamente pequeno de neurose. Não podemos dizer que a neurose está totalmente ausente, porque não está ausente em nenhum ser humano. O único meio de entender isso é que vocês não nascem apenas uma vez, mas renascem muitas vezes com os problemas que ainda não foram resolvidos. Não foi a natureza que deu esses problemas a vocês.

PERGUNTA: Certa vez você nos disse que era mais fácil trabalhar neste caminho aqui na terra do que no mundo dos espíritos. No entanto, sabemos que nossos entes amados também estão se desenvolvendo. Eles estão trabalhando pela autorrealização e nosso trabalho nesse sentido também os ajuda. Você poderia explicar melhor?

RESPOSTA: Crescimento e desenvolvimento pessoal podem, até certo ponto, ocorrer em todas as esferas do ser. Mas onde os entraves e obstáculos são os maiores, é ali que o crescimento pode ser mais eficaz, desde que a pessoa em questão assim o deseje. Sem entraves e obstáculos, os problemas profundamente arraigados não são trazidos à tona. Eles não podem se manifestar, e portanto vocês não têm consciência deles. Sem essa consciência, vocês não podem superá-los. Tudo isso eu já expliquei anteriormente.

Nas esferas espirituais você vive sem o corpo físico, está numa espécie de vida em que não encontra os entraves causados pela matéria. Sem esse obstáculo, ainda é possível crescer e se desenvolver até certo ponto, mas sem dúvida não na mesma intensidade. A matéria é um entrave constante. É uma resistência. Falamos sobre a resistência psicológica. Mas esse é apenas um aspecto, um pequeno fragmento da resistência. A vida na terra, a vida na matéria, é uma resistência. Se vocês não tivessem nenhuma resistência, absolutamente não poderiam viver. No entanto, quando resistem demais, conforme o grau, vocês se tolgem, e se o grau ultrapassar um determinado limite, vocês não conseguem viver. A vida na terra exige a dosagem certa de resistência – nem demais nem de menos – assim como acontece com a vontade. A vontade é uma força que supera a resistência da matéria. A resistência da separação. Se ela for muito forte, é prejudicial; se for muito fraca, não será suficiente para superar a resistência da matéria. É assim que vocês conseguem crescer muito mais depressa por causa da resistência. No aprendizado prático, vocês passam a saber, intimamente, qual é exatamente o grau certo, o equilíbrio certo. Não é preciso dizer que isso não se aprende por regras e regulamentos e leis e doutrinas que vocês assimilam com o cérebro. É um sentimento interior que nasce do trabalho como este que vocês fazem. É algo intuitivo, não aprendido. Vocês crescem e se inserem na corrente certa do grau específico de resistência de que precisam. Ele não é igual para todos. Cada pessoa tem uma vibração pessoal ou frequência, a soma total de todo o seu ser, exterior e interior. De acordo com essa vibração pessoal, a resistência precisa se ajustar, por assim dizer, à resistência geral da matéria. Na medida em que a vida de vocês é produtiva e harmoniosa, nessa mesma medida a sua vibração está em harmonia com a resistência geral da matéria. É por isso que o desenvolvimento na terra é muito mais rápido.

Sejam abençoados, cada um de vocês. Que estas palavras encontrem eco mais uma vez no mais recôndito do seu ser. Que elas deem frutos para vocês, talvez não imediatamente, talvez apenas nos meses, ou mesmo nos anos vindouros, quando, no trabalho de autoconhecimento, vocês atingirem o ponto em que poderão realmente entender o que eu lhes disse esta hoje. Fiquem em paz, meus queridos. Fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.